

A IMAGEM PÓSTUMA DO REI: AS CERIMÔNIAS DE EXÉQUIAS DE D. JOÃO V (1707-1750) NO IMPÉRIO PORTUGUÊS.

Kássia Kelly Acioli de Moura¹; Marília de Azambuja Ribeiro²

¹Estudante do Curso de História.- CFCH – UFPE; E-mail: kassiakelly15@hotmail.com,

²Docente/pesquisador do Departamento de História– CFCH – UFPE. E-mail: ribeiromarilia@hotmail.com

Sumário: D. João V, durante muito tempo, foi o rei da dinastia bragançina que menos atraiu o interesse dos historiadores do Portugal moderno; tal desinteresse foi provavelmente consequência da imagem estereotipada desse monarca construída e transmitida pela historiografia oitocentista.¹ Somente a partir das últimas décadas do século passado, quando uma nova leva de estudiosos se debruçou sobre a primeira metade do século XVIII, o reinado joanino passou a ser reavaliado. Este trabalho possuiu como principal objetivo contribuir com essa nova historiografia, examinando por meio da análise dos discursos proferidos nas cerimônias de exéquias realizadas em sua memória em várias partes do império português, a imagem política que foi construída para D. João V no período imediatamente posterior à sua morte, antes da construção de uma representação negativa de seu reinado.

Palavras-chave: D. João V; Exéquias; reconstrução da imagem;

INTRODUÇÃO

A imagem de D. João V foi objeto de interesse historiográfico desde os tempos de seu reinado. O próprio, assim como outros reis da época moderna, possuía um grande interesse em cultivar sua imagem como a de um grande príncipe. Durante o seu governo é fundada a Academia Real de História, que tinha como projeto a escrita das *Memórias* do reino português que possibilitariam a elaboração de uma *História* do reinado deste monarca.² Se encontravam interessados pela imagem deste rei também diversos escritores setecentistas que propagavam um D. João V como rei generoso e bastante devoto. Sua notória devoção, atestada pelas frequentes visitas do rei a templos e santuários e pelos investimentos que fez em construções religiosas – como o convento de Mafra – e em procissões como a do *Corpus Christi* foi tomada por grande virtude política pelos historiadores da primeira metade do século XVIII – a exemplo do baiano Sebastião da Rocha Pita, autor da *História da América Portuguesa* (1730) –, mas foi muito mal vista pelos escritores oitocentistas, como Oliveira Martins³ e Manuel Bernardes Branco⁴.

Foi a partir dos pressupostos ideológicos oitocentistas que durante muito tempo o reinado desse monarca foi associado a uma imagem negativa e à ideia de absolutismo, sendo ainda considerado em grande parte responsável pela “decadência” que teria caracterizado a primeira metade do século XVIII em Portugal. Essa imagem, bastante utilizada nas teses do “decadentismo” nacional que serão formuladas durante o século XIX no contexto do liberalismo português, apresentava D. João V como um rei freirático, luxurioso, esbanjador e tirânico.⁵

¹PIMENTEL, Antônio Manuel Filipe Rocha. **Arquitectura e Poder:** o Real Edifício de Mafra. Coimbra: Livros Horizonte, 1992.p. 7.

²SILVA, Maria Beatriz Nizzada. **D. João V.** Lisboa: Círculo de Leitores, 2009.p. 11.

³MARTINS, Joaquim Pedro Oliveira. **História de Portugal.** Lisboa. Livraria Bertrand, 1879.

⁴BRANCO, Manuel Bernardes. **Portugal na Época de D. João V.** Lisboa, António Maria Pereira, 1886.

⁵PIMENTEL, Antônio Manuel FilipeRocha. *Op. cit.*, pp. 7e 8.

No entanto, nos últimos anos o reinado joanino foi objeto de novas problematizações, e vieram à luz importantes estudos sobre o absolutismo, a corte e a imagem política de D. João V⁶. Dentre os trabalhos responsáveis por essa reavaliação da imagem joanina podemos destacar os estudos de Luís Ferrand de Almeida⁷, Rui Bebianno⁸, e Maria Paula Marçal Lourenço⁹. Com o intuito de fomentar as problematizações e contribuir com esses novos estudos, nossa pesquisa buscou trazer à tona as imagens, a respeito deste monarca, presentes nas cerimônias de exéquias – grandes festas fúnebres, compostas por pompas e aparatos suntuosos, criadas como objetivo de exaltar o poder monárquico, foram registradas em publicações da época – que começaram a ser exploradas pelos historiadores como fontes para o estudo da cultura política do período moderno.

MATERIAIS E MÉTODOS

A análise documental consistiu na leitura e exame dos opúsculos setecentistas que contêm a descrição das cerimônias de exéquias de D. João V realizadas nas diversas cidades do império português. A partir disso, identificamos as várias formas de representar o rei presentes nessa documentação com o intuito de captar o seu conteúdo político. Para tanto, devido a grande extensão dos documentos analisados (alguns chegando a ter 366 páginas) dividimos a pesquisa em dois blocos, sendo assim, na primeira parte nos dedicamos a fazer uma espécie de catalogação de cada documento lido, conseguindo com isso extrair ricas informações contidas nas fontes.

Dedicamo-nos também no primeiro semestre a fazer leituras que nos deram um maior embasamento teórico acerca da fabricação da imagem do rei no antigo regime, das grandes festas barrocas – na qual estão incluídas as cerimônias de exéquias. E seus papéis político e social, bem como discursos de historiadores setecentistas e oitocentistas. No segundo semestre, demos continuidade à catalogação e as leituras, mas, sobretudo, nos focamos nas análises e comparações dessas fontes para que a partir delas conseguíssemos alcançar os objetivos propostos desde o início deste trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tomando como base o objetivo principal da pesquisa, de examinar a imagem política que foi construída para D. João V no período imediatamente posterior à sua morte, antes da construção de uma representação negativa de seu reinado; acreditamos que os resultados obtidos foram bastante satisfatórios. Isso porque a leitura e a catalogação das cerimônias das exéquias nos deram um resultado inesperado, pois além de nos proporcionar a possibilidade de conhecer as imagens produzidas acerca desse monarca nos diferentes lugares do império português, nos possibilitaram conhecer muito do opulento reinado deste rei. A cada documento lido nos deparamos com ricas informações a respeito das construções do período joanino (Mafra, Academia Real de História, Biblioteca de Coimbra, etc.); da sua diplomacia; sua relação com a igreja (principalmente da defesa feita a Santa Sé, contra os Otomanos); sua relação com as suas colônias, principalmente com o Brasil; o comércio durante o seu reinado, dentre vários outros aspectos. Além disso, a pesquisa nos levou a conhecer desde a forma como cada lugar recebeu a notícia da morte

⁶ OLIVEIRA, Ricardo de. **As metamorfoses do império e os problemas da monarquia portuguesa na primeira metade do século XVIII**, Varia História, UFMG, 2010, vol.26, n.43, pp. 109-129.

⁷ ALMEIDA, Luís Ferrand de. **O absolutismo de D. João V**. In: *Páginas dispersas. Estudos de História Moderna de Portugal*. Coimbra: Faculdade de Letras/Instituto de História Económica e Social, 1995, pp.183-207.

⁸ BEBIANO, Rui. **D. João V: poder e espetáculo**. Aveiro: Estante, 1987.

⁹ LOURENÇO, Maria Paula Marçal. **Estado e Poderes**. In: MENESES, Avelino de Freitas de (org.). *Portugal da Paz da Restauração ao Ouro do Brasil*. Lisboa: Editorial Presença, 2001.

do rei, até os minuciosos detalhes da decoração das pomposas e suntuosas cerimônias fúnebres.

Dentre os principais resultados obtidos por meio da pesquisa encontra-se também o fato de que conseguimos perceber através da análise e comparação entre as exéquias que apesar de serem documentos escritos entre as diversas partes do Império Português, por pessoas diferentes e com objetivos diferentes, ao compará-las encontramos uma imagem que se torna uma espécie de lugar comum em relação a D. João V. Ele nos aparece em todas elas como: fidelíssimo, augustíssimo, pacificador, sábio, edificador, pio, justo, virtuoso, piedoso, potentíssimo, apreciador das artes e das ciências, protótipo da heroicidade, mecenas, dentre outros; além disso, é comum encontrarmos inúmeras comparações entre D. João V e diversos personagens bíblicos e históricos como: Salomão, Jonatas, Davi, Ezequias, Alexandre, Tito Vespasiano, Carlos V, etc. E também com alguns objetos como: vela acesa, tocha de fé, Soberano Sol do Hemisfério Lusitano, chama de fogo, dentre outros.

No entanto, além desse lugar comum, as exéquias nos trazem ricos relatos sobre diversos aspectos da imagem e do governo desse monarca que em nossa opinião ao serem comparados entre si e com os discursos setecentistas e oitocentistas nos dão resultados excelentes, pois nos permitem vislumbrar uma imagem do monarca divergente daquela escrita pelos historiadores oitocentistas e tão difundida pela historiografia tradicional. Dentre esses aspectos iremos citar apenas um para não nos alongarmos de forma desnecessária.

O aspecto destacado trata-se da visão de D. João V como um rei edificador. No *Sermão das exéquias do Senado da Câmara da Cidade do Rio de Janeiro* (1751) encontramos que: “Na arquitetura, assim militar, quanto civil, foi tão perito, que dava cabal notícia das praças mais bem fortificadas da Europa”. (EX. f. 58). E também que “louva-lhe a magnificência com que fundou conventos, construiu igrejas, fabricou palácios, traçou armazéns, fortificou praças, erigiu fabricas, levantou aquedutos, formou livrarias e instituiu academias” (EX. f. 28). No *monumento do agradecimento* encontramos que ele “Na Universidade de Coimbra mandou fabricar uma biblioteca pública tão magnifica, que em tudo corresponde a grandeza daquele empório das letras” (EX. f. 36-37). A *oração fúnebre da câmara de S. João de El-rey* nos fala nas casas que ele edificou para Deus, como único fundador. Em diversos documentos encontramos que ele instituiu a Academia Real de História, de quem foi protetor e mecenas, construiu diversas bibliotecas, hospícios, o aqueduto das Águas Livres, o Palácio-Convento de Mafra, etc.

Utilizamos o exemplo acima porque ele nos mostra que a imagem póstuma do fidelíssimo muito se difere do discurso dos historiadores oitocentistas como, por exemplo, Ribeiro Guimarães, que em *Sumário de Vária História* nos diz que “para tudo chegava o dinheiro então, mas como o desperdiçaram, por isso veio a faltar já nessa época para outras coisas, porque se não cuidava de todos os ramos da governação pública com tanto desvelo e afã como do culto” ou “gastava todo o dinheiro em obras que a maior parte das vezes para nada serviam”.¹⁰ Deixando claro, como nos chamou a atenção Eduardo Brazão, que “a imagem estereotipada do rei magnânimo tinha como objetivo a luta política oitocentista, e não um conhecimento daquilo que efetivamente o monarca realizara.”¹¹

Em síntese, poderíamos citar diversos outros aspectos sobre as imagens que a documentação traz do monarca D. João V. No entanto, acreditamos que os exemplos expostos são suficientes tanto para dar conta do objetivo principal, pois cremos que os

¹⁰ GUIMARÃES, Ribeiro. 1872. *Sumário de Vária História*. Lisboa, vol.1, pp. 67-70.

¹¹ BRAZÃO, Eduardo. 1937. *D. João V*. Subsídios para a História do Seu Reinado. Porto, Portucalense Editora.

pontos abordados mostraram que a imagem que foi construída para esse monarca no período imediatamente posterior à sua morte, ou seja, antes da construção de uma representação negativa de seu reinado, muito se difere da imagem estereotipada que teve origem a partir do governo pombalino e que foi reelaborada e propagada pelos historiadores oitocentistas.

CONCLUSÕES

Diante do exposto, acreditamos que nossa pesquisa foi bastante relevante, porque além de contribuir com a nova historiografia trazendo ricas informações para fomentar as discussões a respeito da reavaliação da imagem de D. João V, bem como trazendo importantes dados sobre esse longo e polêmico reinado, também serve para incentivar outros historiadores brasileiros a se debruçarem sobre o tema. Além disso, ela também serviu para demonstrar que as exéquias são fontes valiosas que podem contribuir bastante não só para aqueles que estejam interessados em conhecer mais sobre a imagem do monarca lusitano, mas também para aqueles motivados a conhecer mais sobre diversos outros aspectos do Portugal Moderno.

AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo investimento financeiro.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Luís Ferrand de. 1995. *O absolutismo de D. João V*. In: *Páginas dispersas. Estudos de História Moderna de Portugal*. Coimbra: Faculdade de Letras/Instituto de História Económica e Social, pp.183-207.
- BEBIANO, Rui. 1987. *D. João V: poder e espetáculo*. Aveiro: Estante.
- BRANCO, Manuel Bernardes. 1886. *Portugal na Época de D. João V*. Lisboa, António Maria Pereira.
- BRAZÃO, Eduardo. 1945. *1937: D. João V*. Subsídios para a História do Seu Reinado. Porto, Portucalense Editora.
- GUIMARÃES, Ribeiro. 1872. *Sumário de Vária História*. Lisboa, vol.1, pp. 67-70.
- LOURENÇO, Maria Paula Marçal. 2001. *Estado e Poderes*. In: MENESES, Avelino de Freitas de (org.). *Portugal da Paz da Restauração ao Ouro do Brasil*. Lisboa: Editorial Presença.
- MARTINS, Joaquim Pedro Oliveira. 1879. *História de Portugal*. Lisboa. Livraria Bertrand.
- OLIVEIRA, Ricardo de. 2010. *As metamorfoses do império e os problemas da monarquia portuguesa na primeira metade do século XVIII*, *Varia História*, UFMG, vol.26, n.43, pp. 109-129.
- PIMENTEL, Antônio Manuel Filipe Rocha. 1992. *Arquitectura e Poder: o Real Edifício de Mafra*. Coimbra: Livros Horizonte. p. 7.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da. 2009. *D. João V*. Lisboa: Círculo de Leitores. p. 11.



**XXIII CONIC
VII CONITI
IV ENIC**